

Uso de Mídias na Prática Docente e a Aproximação com a Educomunicação¹: Uma experiência na Escola Estadual de Ensino Integral e Médio de SP

Isys Helfenstein Remião²
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

A proposta deste artigo é apresentar uma análise preliminar da pesquisa de mestrado em Comunicação que está sendo desenvolvida junto a uma escola pública, estadual, no município de Praia Grande/ SP. Com o objetivo de compreender os fatores que influenciam o uso de mídias na prática docente, optou-se por trabalhar com uma escola inscrita em dois programas governamentais que orientam o desenvolvimento de ações de comunicação e tecnologia. A análise compreende a leitura dos programas em diálogo com as ações realizadas na escola, levantadas por meio de entrevistas e questionários aplicados aos professores sobre uso e consumo de mídias dentro e fora do ambiente escolar. Os principais desafios encontram-se na visão instrumental das tecnologias e na carência de uma formação apropriada aos docentes que considere a educomunicação um campo de intervenção social.

Palavras-chave: educomunicação; escola; políticas públicas; professores.

1. Introdução

“O homem não é uma ilha. É comunicação. Logo, há uma estreita relação entre comunhão e busca.” (FREIRE, 1983, p. 28)

Sabemos que, com as novas tecnologias, crianças e jovens estão cada vez mais imersos num cenário de múltiplos estímulos, são capazes de desenvolver diferentes atividades ao mesmo tempo: ouvir música, pesquisar na internet, conversar com os amigos pelos *chats*, etc. No entanto, compreender as relações entre educação e comunicação é ir além do advento das novas tecnologias, para pensar em uma profunda transformação nas formas de aprendizagem das novas gerações. Pensar o aluno como um sujeito social, um sujeito que comunica. Neste sentido, é no diálogo que as relações se constroem e por meio dele que a educação pode ter o papel emancipador e transformador. (FREIRE, 1983)

A escola é (ou deveria ser) um espaço de diálogo, de comunicação e de criação. É nela que circulam sentidos e significados, que trazem todos os sujeitos envolvidos com a educação. Por isso, este artigo pretende apresentar como possibilidade de intervenção e de

¹ Trabalho apresentado no DT 06 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 26 a 28 de maio de 2016

² Mestranda em Comunicação na Universidade Federal do Paraná (UFPR) E-mail: isysremiao@gmail.com.
Orientadora: Rosa Maria Cardoso Dalla Costa

problematização o campo da educomunicação, com a contribuição teórica de autores como Soares (1997 e 2011), Citelli (2004), Kaplún (1999), Orozco Gómez (1997) e Orofino (2005), dialogando com a análise preliminar da pesquisa de mestrado em Comunicação que a autora está desenvolvendo.

O interesse em compreender as relações entre os professores e as diferentes mídias presentes na escola, no cenário orientado por programas governamentais de incentivo a essas práticas no Ensino Médio, fez com que a pesquisadora encontrasse a escola estadual *Reverendo Augusto Paes D’Avila*. A escola atende os três anos de Ensino Médio – última etapa da Educação Básica e está inscrita em dois programas: o Programa Ensino Médio Inovador do Ministério da Educação (Proemi) e o Programa de Ensino Integral da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. O critério de escolha da escola se deu primeiramente pelas cidades de Santos e Praia Grande/SP, onde a pesquisadora reside e trabalha. Em um universo de 13 escolas inscritas no Proemi e três escolas no Programa de Ensino Integral, o segundo critério utilizado foi a abertura da gestão da escola em receber a pesquisa e o desenvolvimento efetivo de práticas comunicativas.

O objetivo central da pesquisa é compreender os fatores que influenciam o uso das mídias na prática dos professores da escola estadual Reverendo Augusto Paes D’Avila e a aproximação dessas práticas com o campo da educomunicação.

A metodologia utilizada combinou técnicas de entrevista em profundidade, semi-aberta - “modelo de entrevista que tem origem em uma matriz, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa” (BARROS e DUARTE, 2015, p. 66) - com a coordenação da escola e com o grupo treze alunos do clube de jornalismo (projeto desenvolvido pela escola em que os estudantes produzem um jornal e uma rádio); a aplicação de questionário com os professores para verificar o acesso e o uso das mídias dentro e fora da escola; e pesquisa de documentos orientadores dos programas governamentais e nos canais virtuais da escola.

2. Educomunicação: Uma Perspectiva Dialógica

A educomunicação é um campo de intervenção social que foi sendo construído ao longo dos últimos anos, com base em estudos e experiências que revelaram a necessidade em aproximar definitivamente as áreas da comunicação e da educação. Por mais que ambas tenham, durante parte da história, cumprido funções específicas, a comunicação enquanto parte do processo humano, não pode ser desconsiderada no ato educativo. Paulo Freire foi o educador

brasileiro de referência para a construção do campo da educomunicação ao pensar que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados.” (FREIRE, 1975, p. 69)

Assim como Freire, na América Latina essa aproximação foi constatada, a partir das contribuições teórico-prática de filósofos da educação como Célestin Freinet e da comunicação, como Jesús Martín-Barbero e Mário Kaplún.

Desde 1980 a educação para a recepção crítica dos meios de comunicação é uma prática internacionalmente conhecida como *Media Education* (*Media Literacy*, nos Estados Unidos e *Educación em Medios*, na Espanha). Na América Latina usava-se, nos países de língua espanhola, a expressão *Educación para la Comunicación*. Já no Brasil, a primeira experiência na área foi o Projeto LCC – Leitura Crítica da Comunicação, desenvolvido pela União Cristã Brasileira de Comunicação (UCBC). Neste período os cursos oferecidos pela UCBC eram inspirados na Escola de Frankfurt. Com a influência de Paulo Freire, a partir de 1984, o projeto passou a adotar a perspectiva dialética. Foi na América Latina que as experiências na área ganharam maior destaque com os movimentos de educação popular e comunicação alternativa, tendo como foco de trabalho a forma como as audiências reagem e se articulavam ao receber e ressignificar os conteúdos midiáticos. (SOARES, 2011, p. 33-34)

Mario Kaplún, idealizador do *Método Cassete Fórum*, realizado no Uruguai entre os anos 1977 e 1978, foi pioneiro em desenvolver uma prática de uso dos meios de comunicação com finalidade educativa, com cooperativas de agricultores. Não acreditava que alertar sobre os efeitos nocivos da comunicação mudaria os hábitos de consumo dos meios pela população, por isso rompeu com a verticalidade na comunicação entre emissor e receptor e possibilitou a interação entre os indivíduos, tornando-os produtores de comunicação. (LIMA, 2009)

“A linguagem, matéria prima para a construção do pensamento e instrumento essencial do desenvolvimento intelectual, adquire-se, pois, na comunicação, nesse constante intercâmbio entre as pessoas que torna possível exercitar o pensamento e, desse modo, apropriar-se dele. (...) Pensamos com palavras; mas a aquisição das palavras é um fato cultural, isto é, um produto do diálogo no espaço social.” (KAPLÚN, 1999, p. 72)

O termo educomunicação ganhou mais notoriedade a partir de 1999, com os estudos do Núcleo de Comunicação e Educação da Universidade de São Paulo (NCE-USP), que descreveu o novo campo de intervenção social como:

“O conjunto das ações voltadas ao planejamento e implementação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos, garantindo, desta forma, crescentes possibilidades de expressão a todos os membros das comunidades educativas.” (SOARES, 2011, p. 36)

Porém, a aproximação dessas duas áreas ainda é um desafio e gera muitos embates dentro das políticas educacionais e nas próprias instituições escolares no Brasil. Recuperando o contexto histórico da educação é possível compreender porque, ainda hoje, a educomunicação tem conquistado mais espaço na educação não-formal (como movimentos sociais e organizações não governamentais) do que na educação formal – escola.

À escola, herança da modernidade, coube administrar a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social. A sua estrutura hierárquica, baseada na racionalidade, no progresso, no livro, no uniforme, na organização linear de espaço e tempo criou um abismo no imaginário social, responsável por separar a educação e os meios de comunicação – cabendo à esses a função voltada ao lazer e as emoções. No entanto, a pós-modernidade trouxe para a escola alunos do mundo globalizado, alfabetizados nas novas tecnologias.

Citelli (2004, p. 85) defende que, para transformar os alunos em sujeitos de conhecimento é necessário “descentrar vozes”, o que não acontece numa educação em que todos tem de saber os mesmos conteúdos, nas mesmas formas, no mesmo tempo. Para o autor, o ensino deve ser capaz de “operar com as singularidades e particularidades que marcam a trajetória de vida dos alunos, pensados, agora, como sujeitos sociais.”

“Em outros termos, há uma valorização social do mundo da comunicação e uma negação do mundo da educação tradicional. Reconhece-se, por outro lado, que a educação - a síntese de um longo processo civilizatório -chega aos albores do século XXI com um enorme cabedal de serviços prestados à humanidade, sem, contudo, ter gestado e gerenciado processos de inter-relação cultural que a coloque em sintonia com o novo mundo que a rodeia.” (SOARES, 1997, p.14)

Martín-Barbero (apud SOARES, 1997, p. 21) analisa os “destempos da educação, mostrando que a comunicação pedagógica, apoiada no texto impresso, encarna e prolonga a temporalidade deste tipo de saber.” Ao passo que a escola mantém um sistema mecânico de leitura passiva, desconsidera a imagem dinamizadora dos processos de comunicação e afasta a dialogicidade, os meios de comunicação colocam-se na direção oposta, na qual não existem fronteiras e sim novos espaços e novas velocidades.

O tempo escolar é fragmentado em tempos/horários e separam (ou deixam do lado de fora) o lazer, a imaginação, a criatividade, a emoção, colocando cada coisa em seu tempo e em seu lugar. As crianças tem horários para brincar e para aprender, pois não é possível considerar que enquanto ela brinca, ela aprende. As escolas que se desafiam no processo da educação integral, o fazem dividindo o tempo entre as disciplinas curriculares e extracurriculares, resistindo em promover uma educação além dos muros da escola, aquela da rua, dos vizinhos, dos meios de comunicação, que constituem o universo cultural dos alunos. É certo que, algumas iniciativas estão surgindo nas últimas décadas e tem-se notado um avanço nas orientações das políticas educacionais, inclusive com o reconhecimento do campo da educomunicação como estratégia de aprendizagem.

Assim como, a orientação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que prevê como um dos seus objetivos, permitir que os programas escolares fossem mais descentralizados. Com isso seriam abertos espaços para que as unidades de base do trabalho dos educadores – a partir das grandes linhas teórico-metodológicas das diversas áreas do conhecimento situadas nos parâmetros - pudessem ordenar seus projetos em função das realidades em que estão inseridas (CITELLI, 2004). E são nessas realidades, que os estudos da educomunicação apontam que é preciso investir nas relações dialógicas da comunidade escolar e valorizar a cultura midiática que os atores envolvidos trazem e ressignificam na escola. É o que Soares (2011, p. 37) defende como “pedagogia de projetos voltada para a dialogicidade educacional”. Pois é nesse lugar (ou não-lugar) que os meios de comunicação encontram-se na vida das pessoas, permitindo o despertar das emoções e dos prazeres.

Baccega (2002, p. 9) entende que “a questão está centrada em um choque de culturas que é preciso harmonizar: a cultura da sociedade como um todo, a cultura que os alunos trazem *versus* a cultura que predomina na Escola de que os professores são porta-vozes”.

O caminho que está posto para a escola é compreender o seu papel enquanto mediadora e com isso, superar a utilização de recursos e instrumentos - sob a ótica de dinamizar o ensino e se aproximar da “linguagem” do jovem – para alcançar uma educação reflexiva, investindo na produção midiática crítica. “O mero uso das tecnologias não responde ao desafio. O que pode acontecer é, com tal uso, exacerbar-se o caráter conservador e distante da contemporaneidade que ainda caracteriza, no geral, a Escola.” (BACCEGA, 2002, p. 9)

A escola é o lugar de circulação de significados e sentidos produzidos pelas e sobre as mídias. Nesse sentido, Orofino (2005) aborda a importância das mediações no espaço escolar

visando um consumo cultural crítico e o uso dos meios para construção da cidadania e aponta que, isso só acontecerá por meio de “novos enfoques pedagógicos”.

De acordo com o estudo *enfoque integral das audiências* Orozco Gómez aponta que:

“(…) para trabalhar a leitura crítica de um produto midiático na escola, é interessante partirmos desta abertura: indagando sobre as condições de produção (industrial ou alternativa), os códigos de linguagem, questões ideológicas, bem como os aspectos de recepção” (apud OROFINO, 2005, p. 41).

As mediações estão presentes em todas as relações humanas, a partir de diferentes contextos sócio-históricos-culturais, e se desencadeiam por uma série de fatores que tem relação com classe social, gênero, raça, etnia, geração, religião, família, agremiações políticas, escola, entre outros. Ou seja, “os cenários socioculturais agem como *mediadores* no processo de recepção, pois o telespectador não nasce pronto, mas se faz, ao longo da experiência da vida”. (OROFINO, 2005 p. 63).

Outro conceito-chave dentro da educomunicação é o ecossistema comunicativo, usado por Soares (2011, p.37) “para designar as teias de relações das pessoas que convivem nos espaços onde esses conjuntos de ações³ são implementados.”

Martín-Barbero (apud SOARES, 2011, p.43) contribuiu para a construção do termo ecossistema comunicativo estabelecendo relação direta com a vida social e a aprendizagem:

“O ecossistema comunicativo constitui, na verdade, o entorno que nos envolve, caracterizado por ser ‘difuso’ e ‘descentrado’. É difuso porque é formado por uma mistura de linguagens e de saberes que circulam por diversos dispositivos midiáticos intrinsecamente interconectados; é descentrado porque os dispositivos midiáticos que o conformam vão além dos meios que tradicionalmente vêm servindo à educação, a saber: escola e livros”.

Assim, o desafio que o ecossistema comunicativo coloca para a escola aponta para a emergência de um novo sentido cultural, para a criação de um espaço de ação comunicativa integrada, em que as novas gerações promovam as suas próprias formas de expressão a partir do legado latino-americano, de construção de espaços de cidadania pelo uso comunitário e participativo das mídias. E que os nossos educadores tornem-se educomunicadores,

³ Ao “conjunto de ações” o autor refere-se a educomunicação.

compreendendo que a aproximação da educação e da comunicação se dá no contexto complexo, interdisciplinar e transdisciplinar nesse mundo de múltiplas mediações.

3. O Ensino Médio e os Programas Educacionais

Desde 2012 a escola *Reverendo Augusto Paes D'Avila* está inscrita no Programa de Ensino Integral⁴ da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo que prevê a jornada integral de alunos e professores. Segundo o documento de diretrizes⁵, o Programa é:

(...) uma alternativa para adolescentes e jovens ingressarem numa escola que, ao lado da formação necessária ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades, amplia as perspectivas de autorrealização e exercício de uma cidadania autônoma, solidária e competente. O Programa Ensino Integral oferece também aos docentes e equipes técnicas condições diferenciadas de trabalho para, em regime de dedicação plena e integral, consolidar as diretrizes educacionais do novo modelo de escola de tempo integral. (SÃO PAULO, 2012, p.7)

Ainda de acordo com o documento oficial, “o programa adota os quatro pilares da Educação adotados pela UNESCO: o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser.” (SÃO PAULO, 2012, p.8). O documento não faz menção ao campo da educomunicação mas traz alguns pressupostos na interrelação comunicação-educação, são eles:

“A concepção da educação integral considera o acesso a todos os recursos culturais, às mais diversificadas metodologias dos processos de ensino e de aprendizagem e, também, à utilização das novas tecnologias como respeito à condição humana e sua respectiva dignidade.” (SÃO PAULO, 2012, p. 9)

“A escola pretendida pelo Programa Ensino Integral põe em relevo, para além de conteúdos acadêmicos, conteúdos socioculturais e a possibilidade de vivências direcionadas à qualidade de vida, ao exercício da convivência solidária, à leitura e interpretação do mundo em sua constante transformação.” (SÃO PAULO, 2012, p. 9)

“O cenário atual do Ensino Médio aponta para a necessidade de repensar o atual modelo de escola e redesenhar o papel que essa instituição deve ter para a vida e para o desenvolvimento do jovem do século XXI.” (SÃO PAULO, 2012, p. 11)

“O Protagonismo Juvenil é um dos princípios educativos que sustentam o modelo. (SÃO PAULO, 2012, p. 14)”

⁴ Instituído pela Lei Complementar nº 1.164 de 4/01/2012, alterada pela Lei Complementar nº 1.191, de 28 de dezembro de 2012.

⁵ Documento disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/342.pdf>. Acesso em 13 de janeiro de 2016

Para garantia do processo que prevê o Protagonismo Juvenil, duas estratégias são utilizadas:

- Líderes de turma: estratégia que visa ampliar os espaços de manifestação do Protagonismo Juvenil e aprimorar a gestão escolar, garantindo a participação dos alunos.
- Clubes Juvenis: criados pelos jovens a partir de linguagens definidas por eles em conjunto com a equipe gestora da escola. Exemplo: clube de jornal, de rádio, dança, esporte, etc. São realizados a cada semestre, podendo continuar com a mesma linguagem ou não.

Outra estratégia importante do Programa, em que se encontram ações voltadas à comunicação e educação, são as Disciplinas Eletivas, que fazem parte do currículo Diversificado. São propostas por no mínimo dois professores de disciplinas distintas e acontecem duas vezes no ano, com linguagens diversificadas.

Já o Programa Ensino Médio Inovador⁶, em que a escola está inscrita desde 2015, visa provocar o debate sobre o Ensino Médio junto aos Sistemas de Ensino Estaduais e do Distrito Federal, fomentar propostas curriculares inovadoras nas escolas e, com isso, diminuir os índices de evasão e distorção idade/série. O Programa integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como estratégia do Governo Federal.

Conforme afirma o Documento Base⁷ que traz as primeiras orientações com vistas à implementação do ProEMI:

Propõe-se, dentro de um processo dinâmico, participativo e contínuo, estimular novas formas de organização das disciplinas articuladas com atividades integradoras, a partir das interrelações existentes entre os eixos constituintes do ensino médio, ou seja, o trabalho, a ciência, a tecnologia e a cultura. (BRASIL, 2009, p.14).

A adesão ao ProEMI, neste contexto, estabelece um movimento de cooperação entre os entes federados, cabendo ao Ministério da Educação o apoio técnico e financeiro às Secretarias de Educação e respectivas escolas.

O Projeto de Redesenho Curricular (PRC) deve apresentar ações que comporão o currículo, podendo ser estruturadas em diferentes formatos, tais como disciplinas optativas,

⁶ Instituído pela Portaria nº971/2009

⁷ O Documento Base do Programa Ensino Médio Inovador está disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15134&Itemid=1071.

oficinas, clubes de interesse, seminários integrados, grupos de pesquisas, trabalhos de campo e demais ações interdisciplinares. Foram organizados oito macrocampos que devem compor o PRC, sendo três obrigatórios⁸ e cinco a serem definidos a partir das necessidades e dos interesses da equipe pedagógica, dos professores, da comunidade escolar e dos estudantes.⁹ (BRASIL, 2014, p.6)

No macrocampo Comunicação, Cultura Digital e uso de Mídias, o documento cita:

As atividades a partir desse macrocampo deverão desenvolver processos relacionados à educomunicação, para a criação de sistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos nos espaços educativos, que possibilitarão condições de acesso às diferentes mídias e tecnologias, ferramentas, instrumentos e informações que desenvolvam a ampliação da cultura digital e suas múltiplas modalidades de comunicação (BRASIL, 2014, p.13)

O documento também exemplifica algumas atividades que podem ser desenvolvidas como: fanzine, cordéis, informática e tecnologia da Informação, rádio escolar, jornal escolar, histórias em quadrinhos, fotografia, vídeos, atividades de pesquisa, dentre outros. E complementa que as atividades desenvolvidas neste macrocampo poderão estar articuladas a outros macrocampos e ações interdisciplinares da escola.

4. A Escola e suas Práticas Comunicativas

A escola estadual Reverendo Augusto Paes D'Avila, escolhida como o local de observação da pesquisa, está situada no município de Praia Grande, estado de São Paulo. Possui 346 alunos nos três anos do Ensino Médio e 19 professores.

A escola possui uma boa infraestrutura tecnológica, dispondo de laboratório de informática, sala de vídeo, notebooks para uso dos alunos, salas com projetores multimídia e todos os professores possuem seu próprio notebook para atividades cotidianas da escola.

O primeiro passo da pesquisa foi entrevistar o coordenador da escola para compreender como, na visão dele, a comunicação está presente na escola, qual é a relação dos professores com as mídias e com as tecnologias e as influências dos programas governamentais no projeto político pedagógico da escola. O segundo passo foi analisar os documentos base dos programas

⁸ Acompanhamento Pedagógico (Linguagens, Matemática, Ciências Humanas e Ciências da Natureza), Iniciação Científica e Pesquisa, Leitura e Letramento.

⁹ Línguas Estrangeiras; Cultura Corporal; Produção e Fruição das Artes; Comunicação, Cultura Digital e uso de Mídias e Participação Estudantil.

educacionais e os documentos da escola disponibilizados no blog¹⁰, gerenciado pelo próprio coordenador. Essas duas etapas da metodologia forneceram subsídios para compreender como a comunicação está inserida na escola.

Na perspectiva dos programas que a escola está inscrita, o modelo educacional adotado está alinhado aos princípios do Programa Ensino Integral do Estado de São Paulo, com jornada integral de alunos e professores e seguindo as estratégias de ensino-aprendizagem apresentadas anteriormente, como: os clubes juvenis, as disciplinas eletivas, entre outras. O Programa Ensino Médio Inovador entra com a proposta de reformular o currículo, integrando as disciplinas com conteúdos mais abertos e flexíveis, o que de certa forma, é alcançado pelo programa do Estado. E o macro-campo “Comunicação, Cultura Digital e Uso das Mídias” previsto no Proemi pode ser entendido como o espaço ocupado pelos clubes juvenis – de rádio e jornal, porém esta relação não é feita pelo coordenador. Ficou claro na entrevista que a função deste programa é o aporte financeiro, que se dá para a compra de recursos de infraestrutura (por exemplo ar condicionado, televisão, etc). Não houve, na entrevista com o coordenador, nenhuma alusão ao macrocampo e a educomunicação como orientação de trabalho desses clubes ou de outras ações na escola.

O Programa de Ensino Integral oferece formações anuais à gestão e ao corpo docente da escola, que são realizadas pela parceria com a Parceiros da Educação¹¹. Essas formações são desenvolvidas de acordo com as demandas da escola. Dentre as formações, a única citada pelo coordenador em relação à comunicação e seus recursos, foi a preparação dos professores para a utilização de equipamentos como a lousa digital. E na visão dele, os professores já incorporaram o uso dos diferentes recursos e instrumentos no dia a dia da escola.

Além do uso instrumental, algumas estratégias pedagógicas utilizadas pelos professores trazem elementos que se aproximam da perspectiva dialógica que prevê a educomunicação.

Uma delas é o *Clube Juvenil*, que se apresenta como uma proposta voltada ao protagonismo juvenil, uma vez que, são os jovens que definem as linguagens que desejam desenvolver. Cada clube conta com um professor – escolhido pelos alunos – para acompanhar as ações. No início do ano, os clubes escolhidos na área de comunicação foram jornal e rádio.

¹⁰ O Blog da escola foi criado em 2013 e é gerenciado pelo coordenadora da escola. Possui o histórico de algumas ações mas não é atualizado constantemente. Disponível em <http://eereverendo.blogspot.com.br/>

¹¹ A Parceiros da Educação é uma Associação sem fins lucrativos responsável por articular parcerias entre empresas, empresários e organizações da sociedade civil com escolas públicas e vinculada ao Programa de Ensino Integral do Estado de São Paulo.

Em 2013, por exemplo, foi realizado um clube de TV denominado “Jornal integral”¹². Os clubes se reúnem uma vez por semana para planejamento e realização das ações. E, de acordo com os jovens entrevistados, também dispõem de outros momentos de produção ao longo da semana.

Outra estratégia é a Disciplina Eletiva, oferecida pelos professores. Para título de ilustração, duas eletivas foram realizadas ano passado, voltadas à produção de comunicação pelos alunos. A eletiva de Cinema denominada “Luz, câmera ação! Você é o artista com a maquina na mão”¹³ foi ministrada pela professora de Artes que aliou com o trabalho “Projeto de Vida” desenvolvido pela escola. Os resultados, segundo material produzido pela própria professora, foram: “sete curtas metragens produzidos pelos alunos e o melhor esclarecimento em relação às profissões ligadas a comunicação social e cinema, auxiliando de maneira direta o projeto de vida dos alunos.”¹⁴ Outra disciplina realizada foi de fotografia, denominada “Por trás do Clique”¹⁵ pelas professoras de Física e Língua Portuguesa. Os resultados apresentados foram uma exposição de fotos produzidas pelos alunos e experimentos e confecções como a câmara escura.

Nove professores - dos 19 docentes da escola - criaram blog's¹⁶ para fortalecer a comunicação com os alunos. Pela análise dos mesmos, cada um desenvolve a sua maneira, publicando conteúdos das disciplinas, dicas de estudo, poesias, entre outros assuntos que estão de alguma forma vinculados à disciplina.

No que tange ao planejamento das disciplinas curriculares – que está disponível no Blog da Escola¹⁷ -, a pesquisa documental encontrou a comunicação como elemento transversal em algumas áreas, seja na forma de conteúdos trabalhados em aula, habilidades a serem desenvolvidas ou atividades didático-cooperativas e complementares. Não são todas as disciplinas que trabalham a comunicação mas, pelo menos, três delas a cada série, trazem o

¹² Os vídeos do Clube Jornal Integral podem ser encontrados no blog da Escola, disponível em:

<http://eeverendo.blogspot.com.br/search?updated-min=2013-01-01T00:00:00-08:00&updated-max=2014-01-01T00:00:00-08:00&max-results=31>. Acesso em 12/04/16.

¹³ A disciplina eletiva de Cinema foi apresentada no 4.º Congresso de Boas Práticas em Sala de Aula, realizado pela Parceiros da Educação. Apresentação disponível em: http://www.parceirosdaeducacao.org.br/arquivos/Congresso_de_Boas_Praticas/4o_Congresso/anos-finais---tecnologia-diferentes-areas.html. Acesso em 12/04/16.

¹⁴ Idem.

¹⁵ A disciplina eletiva também foi apresentada no 4.º Congresso de Boas Práticas em Sala de Aula. Apresentação disponível em:

http://www.parceirosdaeducacao.org.br/arquivos/Congresso_de_Boas_Praticas/4o_Congresso/anos-finais---tecnologia-diferentes-areas.html. Acesso em 12/04/16.

¹⁶ A relação dos Blogs dos professores está no Blog da Escola: <http://eeverendo.blogspot.com.br/p/blogs.html>. Acesso em 12/04/16.

¹⁷ Disponível em: http://eeverendo.blogspot.com.br/p/guias-de-aprendizagem_4.html. Acesso em 12/04/16.

tema para o debate de diferentes formas. A título de ilustração, no planejamento da disciplina de Educação Física consta trazer o tema “padrões e estereótipos de beleza presentes nas mídias”. Na disciplina de inglês está previsto utilizar conteúdos como programas de televisão. São alguns dos exemplos encontrados na análise dos Guias de Aprendizagem elaborado pelos professores.

5. Os Professores: Uso e Consumo de Mídias

A última etapa da pesquisa foi a aplicação do questionário com os professores com o objetivo de levantar o uso e consumo de mídia, dentro e fora da escola. Dos 19 professores, 14 responderam o questionário até a conclusão deste artigo. A faixa etária está entre 36 a 66 anos, sendo que a metade deles possui entre 35 a 40 anos. Metade dos professores possui pós-graduação e dos que não possuem, quatro possuem mais de um curso de graduação.

Quando questionados se na graduação tiveram alguma disciplina voltada ao estudo da Comunicação na Educação, apenas quatro professores responderam SIM mas nenhum deles lembrou o nome da disciplina, nem sobre o que se tratava. Quatro professores disseram ter feito algum curso na área da comunicação são eles: Pós-graduação em Comunicação e Jornalismo; Cursos voltados à Educação, Língua Portuguesa, Comunicação e Expressão; Mídia e suas tecnologias. Uma professora não lembrou. Vale ressaltar que desses quatro professores, dois são da Área de Artes e dois de Língua Portuguesa, ambas que estão mais “próximas” da comunicação.

A metade dos professores respondeu que os meios mais utilizados para se manter informado são os canais virtuais, como sites e blogs, e em segundo lugar, a televisão. Em relação a frequência do consumo, a televisão despontou como o principal veículo nos sete dias da semana. As redes sociais e sites estão na frequência de cinco dias ou mais por semana. Todos os professores acessam a internet diariamente na escola e a maioria também acessa em casa e pelo celular. O rádio é o veículo menos utilizado pelos professores.

Em relação a utilização dos recursos e/ou materiais¹⁸ em sala de aula, as justificativas dos professores foram diversas: “*tornar a aula mais dinâmica e interativa; complementar ações e conteúdos; porque está presente na vida dos alunos; melhorar o entendimento, ajudar no processo pedagógico*”. Porém, meios como programas de TV, telenovelas, desenhos,

¹⁸ Os recursos e/ou materiais descritos no questionários foram: gibis/história em quadrinhos; música; lousa; programas de TV, telenovelas, programas comerciais; computadores, softwares, internet; jornais e/ou revistas; livros paradidáticos; DVD/filmes.

comerciais, revistas e/ou jornais são pouco utilizados pelos professores, uma média de uma vez por mês ou de acordo com a necessidade. Já os computadores, softwares, internet e a lousa são utilizados de duas vezes por semana a todos os dias.

E por fim, perguntamos se o professor sentia-se preparado para o trabalho com as mídias e apenas dois responderam não. Porém, percebe-se nas respostas, que a preparação se dá para o uso dos equipamentos, já que é uma rotina na escola, e os professores acreditam também que por estarem “conectados” são capazes de fazer a ponte com seus alunos.

Considerações Finais

A análise apresentada nos capítulos anteriores, em relação à prática docente e o ambiente comunicacional da escola, apontaram para algumas considerações, que muito tem a caminhar ainda para serem conclusivas na pesquisa. A educomunicação, conforme apresentado, traz um desafio para as escolas que interfere diretamente no seu modelo educacional, ao priorizar a democracia, a dialogicidade, a expressão comunicativa e a gestão compartilhada dos recursos da informação (SOARES, 2011). Por isso, este artigo trouxe uma análise preliminar do ambiente comunicacional de uma escola pública, de ensino integral, entendendo que, não é possível avaliar se as práticas pedagógicas de uma escola estão inseridas no contexto educacional, sem uma análise mais profunda, que combine outros métodos de pesquisa como as metodologias participativas, o que se pretende fazer nos próximos passos da pesquisa.

A análise do programa de Ensino Integral do Estado de São Paulo, mostra que existe uma intenção educativa que caminha no sentido do protagonismo e de um currículo diversificado. A escola investe para superar a fragmentação dos tempos, saindo da lógica das atividades complementares ou “extracurriculares”. A jornada integral dos professores contribui muito para isso. O dia a dia na escola é dinâmico e oferece para os jovens oportunidades de diálogo com a sua vida, a partir de atividades como: “Projeto de Vida” e “Mundo do Trabalho”. Em relação à comunicação ainda existe uma lacuna a ser superada das técnicas e das tecnologias. Nota-se, em relação à formação dos docentes, que a comunicação não está na lista de prioridades, nem da formação inicial, nem da formação continuada. O próprio consumo midiático dos professores, que se dá principalmente pelos canais virtuais e pela televisão, não dialoga, por exemplo, com os clubes desenvolvidos pelos alunos (jornal e rádio). Não que os docentes precisem consumir essas mídias para mediar o processo de criação e produção dos alunos, até porque com a convergência midiática, ambos estão na internet. Mas para que se fortaleça e se reconheça a produção dos alunos, um caminho poderia ser aproveitar esses meios

e conteúdos nas salas de aulas. Na entrevista com o grupo de jovens do jornal e da rádio, ambos recém-criados, foi possível perceber o quanto a mediação é necessária. Os alunos por mais “consumidores” que sejam das tecnologias da comunicação, precisam ser orientados para uma leitura e uma produção crítica dos meios. Esse é papel do professor–mediador, ou do educador, que poderá potencializar o diálogo da comunidade escolar através desses meios. Quando a maioria dos professores respondeu que sentia-se preparado para o trabalho com as mídias, apenas duas respostas contemplaram uma visão ampliada das mídias: *“tendo sido educado dentro de uma sociedade imersa nos meios de comunicação de massa, acredito estar apropriado dessa cultura”* e *“procuramos melhorar nossas aulas e principalmente levar nosso aluno a valorizar as aulas, que até então era despercebida diante das habilidades envolvidas.”*

Ao mesmo tempo que não podemos desconsiderar a importância das experiências e ações realizadas até agora - como as disciplinas eletivas que pelo relato dos professores se aproximam de uma proposta mais crítica e criativa e, os clubes juvenis que são espaços destinados para expressão dos jovens – é preciso ir além para alcançar uma ação comunicativa integrada, que considere os ecossistemas comunicativos, que aproxime as experiências dos professores e alunos de forma sistemática, envolvendo todos os membros da comunidade escolar, e que esteja presente no discurso escolar.

Sabemos que esse desafio não pode ser enfrentado apenas pelos professores, que são a ponta de um *iceberg*. É necessário que haja de fato a cooperação entre as esferas federal, estaduais e municipais, para que não se sobreponham políticas e diretrizes na educação e, para que as escolas possam enfrentar os desafios na ordem da formação continuada dos profissionais da educação e das novas demandas da aprendizagem.

O Programa Ensino Médio Inovador (Proemi) que deveria ser além de uma fonte de recursos para a escola, uma possibilidade de desenvolver novas estratégias e habilidades pedagógicas, fica a sombra do Programa Estadual. Na perspectiva da educomunicação é um retrocesso, uma vez que, o Proemi deixa claro a importância da educomunicação pelo macrocampo “Comunicação, Cultura Digital e Uso das Mídias” e que se ele estivesse presente, de fato, na escola, chegaria ao conhecimento dos professores e a visão em relação ao uso das mídias poderia ser ampliada.

Referências Bibliográficas

BACCEGA, Maria Aparecida. Meios de Comunicação na Escola. In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo: CCA/ECA/USP, n. 25, set-dez 2002, p. 7-15.

BARROS, Antonio e DUARTE, Jorge (orgs). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2015.

CITELLI, Adilson. Comunicação e Educação. A linguagem em movimento. 3 ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

FREIRE, Paulo. Extensão ou Comunicação. Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1975.

_____. Educação e Mudança. Ed. Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1983.

KAPLÚN, Mario. Processos Educativos e Canais de Comunicação. In: Revista Comunicação e Educação, São Paulo: CCA/ECA/USP, n. 14, jan-abr 1999, p. 68-75

LIMA, Grácia Lopes. Educação pelos meios de comunicação ou produção coletiva de comunicação, na perspectiva da educomunicação. 1.ed. São Paulo: Instituto Gens de Educação e Cultura, 2009.

OROFINO, Maria Isabel. Mídias e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2005. Guia Escola Cidadã; v.12

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Professor e meios de comunicação: desafios, estereótipos e pesquisas. In: Revista Comunicação e Educação, São Paulo: Moderna/CCA-ECA-USP, n.10, set-dez 1997, p. 57- 68.

SOARES. Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. In: Revista Comunicação & Educação, São Paulo: CCA/ECA/USP/Editora Segmento ano VII, n.º 19, set-dez 1997, p. 12 a 24

_____. Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma no ensino médio, São Paulo: Paulinas, 2011.

Documentos retirados da internet

Documento Programa Ensino Médio Inovador. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=15134&Itemid=1071. Acesso em 15/04/2016.

Documento orientador do Programa Ensino Integral da Secretaria do Estado de São Paulo. Disponível em: <http://www.educacao.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/342.pdf>. Acesso em 15/04/2016.

Blog da Escola. Disponível em: <http://eeverendo.blogspot.com.br/>. Acesso em 15/04/2016.